

GRITO MANIFESTO



presenta

"POR QUÉ VUELVAN AQUÍ?"

Pagan en 4 tomo

de

José Enrique Morales e *José Tlaxaju Taborda*

SABADO CINZENTO 02/6/73
Cigarros, idéias e conhaque

POR QUE VIERAM AQUI?

ELenco:
Estevão- Dono do apartamento
Alberto- Sobrinho de Estevão
Charles- Cantor
Alfonso



O fato acontece por volta das 17,30 hs. com uma cena de rua (assalto) representada por meio de um filme. A peça desenvolve-se em um apartamento pobre onde mora Estevão. O cenário: uma sala pobremente mobiliada, em um arame estão penduradas roupas onde é projetado o filme.

Batem a porta. Estevão, que estava recolhendo a roupa vai atender.

Estevão - Pronto...

Um vendedor-

Estevão -

Batem novamente, agora violentamente. Estevão abre a porta surpreendido, e antes de qualquer palavra 3 jovens entram agressivamente no apartamento.

Estevão (olhando apavorado) - Por que vieram aqui? Por que chegaram dessa maneira, com cara de perseguidos. A vocês pertence tomar a palavra para explicar o motivo. Estão aqui por medo ou pretendência de algum favor.

Alberto (tentando desculpar-se) - Tu vêes todas as realidades em tua volta, crianças impotentes para a longa caminhada da vida, gente oprimida pelos preconceitos, gente que rouba e procura auxílio.

Estevão - Alberto, não me digas que roubastes, não digas que és fofoete insuficiente de pensar no prejuízo que carregarias.

Alberto - O mundo, como tu próprio vêes, é agitado com violência pelas especulações, roubos, injustiças.

Estevão - Isso não é motivo para roubar. (olhando para Charles, pergunta) E tu homem, o que te levou a roubar, o que te fez capaz de tal coisa?

Charles - Eu cantava... Mas não deu. A coisa que o senhor não entende. Simplesmente eu queria cantar e não consegui dizer, e minha alma chora toda a dor da vida.

Estevão - Eu... Eu não ignoro o desejo que os trouxe aqui. Sei bem que todos sofrem.

Alfonso - Então para que pergunta velho, além disso não sofro. Quis roubar e roubei, agora tenho o que queria, tenho dinheiro.

Estevão - Não sabes acaso que a ambição destrói o homem.

Charles (Irritado com Alfonso) - Filho de uma puta, são então essas as tuas pretensões. Onde estão aquelas idéias que te levaram a nós.

Estevão - Me forçaram a dar asilo e eu dei. Não discutam, chegue o incômodo de te-los aqui. Fiquem calmos. Não quero gritos, não furem os ouvidos. Vamos tomar café, que é melhor (vai saindo).

Alfonso (Caminhando nervoso) - Bom, essa marda aqui já me encheu o saco. Me sinto inseguro.

cut

cut
cut
cut



Alberto (sentado) - Mas é o unico lugar que podemos estar seguros.

Alfonso - Bem, então vamos repartir a grana de uma vez por todas.

Charles - Qual o motivo, da tua pressa, Alfonso?

Alfonso - Olha, se tu não queres a boa vida, eu sim. Sabem de uma coisa? Já cansei de figurar sempre em segundo plano, quero subir, ser alguém na vida, ser poderoso. Será que esse grana vai dar para comprar uma casa na praia; o carro que eu sempre quis, e será que vai dar para comprar meu...?

Charles (Irritado interrompeo) - Chega!

Estevão (Entrando com uma bandeja) - Filhos, parem de se preocupar. Chegou a hora do café (Coloca a bandeja encima da mesa. Olha para Alberto e o vê triste, e fala) - Que acontece contigo para estares triste? Estas acaso arrependido pelo que fizestes?

Alberto - Não é bem isso, tio. Eu não gostaria de aceitar a opção como uma lei imutavel da vida. É hoje... (pensa) Agora estou acreditando nisso (vai servir-se de café)

Estevão - Não fiques assim, isso passa. No fim acabamos por acostumar-mos com tudo. Isso passa, Alberto.

Alberto (Irritado) - Passa, passa... Sempre tudo passa.

Alfonso (que os olhava) - É isso, tudo passa. Passa o açúcar.

Estevão - Alberto, sabes? Tu é muito parecido com teu pai. Lembra-me no tempo que eramos jovens iguais a vocês, até quando foi embora para o Uruguai, ele tinha as mesmas pretensões que hoje tu tens. Mas foi apagado pelo tempo.

Alberto - É tio, apesar de tudo eu aprendi muito com ele.

Estevão - Mas ele não justificaria teu medo de agir.

Alberto - Meu pai... (Interrompido por Alfonso)

Alfonso - Eu não quero saber da vida do teu pai, quero saber da hora de repartirmos o dinheiro e darmos o fora.

Estevão (Com gesto de desgosto) - Bem, vou arrumar as coisas e a acomodar vocês para dormir.

Alberto - Não tio, não se preocupe conosco. Ficaremos por aqui mesmo.

Estevão (Despede-se e sai)

Breve Pausa, logo Charles começa a dizer:

Charles - Eu roubei, sou um ladrão. Acaso alguém se deteve a pensar porque roubei? Porque roubamos? Acaso só nós roubamos... Ou acaso todo mundo não rouba. Todo mundo não faz sua a vontade de subir, sem olhar se prejudica alguém? Mas eu... Nós não prejudicamos ninguém. É imensuravel o povo que anda morrendo pelas ruas da cidade, e os cadaveres vivos caminham sem dor nem compaixão.

Alberto - Mas qual é a tua preocupação?

Charles - Minha preocupação é a miséria. Foi a miséria que me levou a tudo isto. Já cansei de tocar de bar em bar dando tudo de mim para não receber nada, dando todo meu canto para que uns estúpidos não o valorizem e ainda disso proibido. É por isso que eu valorizo a todos desde que façam as coisas com amor e consciência.

Pausa, música e canção.

CORTE

CORTE



ALBERTO - Eu gostaria de praticar a arte apesar de muitas vezes ser humilhado pelas contradições que nunca faltam.

ALFONSO - E porque não a praticas?

ALBERTO - Meios; de onde eu tiraria meios para praticá-la. Sou um operário como os milhões de operários no mundo, mas como aqueles // poucos que por uma injustiça são proibidos a tê-lo trabalho. E sabem porque? por que pensei que as coisas não estavam de tudo certas e falei, falei aos meus colegas, então fui chamado de agitador e violento (dessesperado agarra Alfonso e pergunta) Mas diga-me Alfonso diga-me e violência recramar por um pouco mais de pão, um pouco mais de liberdade, por conseguir amor e fraternidade entre os homens. Então Jesus Cristo também foi violento? Foi então por isso que os poderosos o crucificaram. Quantos Cristos vão continuar crucificando e quantos já crucificaram por pedir justiça. E além disso fui humilhado por essa merda de consumo em que somos obrigados a viver e a aceitar.

ALFONSO - (Dá uma risada debochada)

ALBERTO - Melhor seria tu não existir do que viver cego.

ALFONSO - (Sacode os ombros) Vivo cego mais o dinheiro me devolve a vista (ri).

CHARLES - Com discussão não vamos conseguir nada, é melhor dormir-mos que amanhã nós temos que se arrancar cedo. (Charles termina de falar e Alfonso sai ligeiro para procurar melhor acomodação, Charles acomoda-se perto da chave da luz apagando-a. Começa a ouvir-se uma música com barulho de vento. Instantes depois ouve-se barulho de uma sirene ao mesmo tempo que se acende a luz e para a musica).

ALBERTO - (Correndo para a janela). Deve ser a policia...e ainda por cima esta armando um temporal.

ALFONSO - Mas que duvida mais imbecil, claro que é a policia atras da gente é melhor nós darmos o fora daqui.

ALBERTO - Pra onde vamos, em qualquer lugar que formos a policia nos encontraria. A cidade está com todas as saídas barradas.

ALFONSO - Mas, eu vou me embora, se vocês querem ficar que fiquem (tenta sair, e os outros agarram-no). Me dê minha parte, eu quero ir embora

CHARLES - Por favor, esqueça a ambição e fique aqui, você faz parte de nosso plano. Se voce sair, na certa a policia vai te pegar e a nós também.

ALFONSO - (irritado) Por acaso vocês querem que nos pegue como ratos.

ESTEVAO - (alterando a voz) Qual o motivo de tanta excitação.

ALBERTO - A policia passou ai na rua, muito provavel vão bater nesse edificio.

ESTEVAO - O que vão fazer?

ALBERTO - Eu cheguei a conclusão de que vamos embora, não queremos envolver o senhor nisso.

ESTEVAO - Estou decidido a dar a minha proteção para vocês, fiquem, e pode ser que não encontram vocês aqui.

CHARLES - Eu não sei... mas acharia melhor ficarmos mais um pouco nem que seja só algumas horas.
(Alfonso sem dizer nada a ninguém pega a sua parte e sai, causa preocupação aos outros, mas logo volta correndo assustado.)

ALFONSO - A policia está lá fora.

ALBERTO - Eles viram você?

ALFONSO - Não, não me viram, consegui me esconder a tempo.

CHARLES - *Corte* Puta... nós tínhamos que ter planejado isso melhor. Mas ninguém aqui é ladrão profissional. Estamos perdidos

ALBERTO - Não Charles... ainda pode ter alguma solução.

CHARLES - Sim, realmente devemos achar uma solução urgente.

ALFONSO - Não há solução, estamos afundados.

ALBERTO - Parece, que você não gosta de achar soluções.

ALFONSO - (irritado) Todos os meus plange perdidos, tudo aquilo que eu queria, tudo, tudo perdido. Será que vou acabar na cadeia, como um simples ladrão? Não é possível que isto aconteça.

CHARLES - Você se preocupe consigo mesmo e não se dá de conta que todos nós estamos metido nisso. (irritado) Não ve que nós também roubamos, e também iremos para a cadeia. Você fez tudo isto por seu bem estar, não se preocupa jamais com os outros. Eu também não verrei meus sonhos realizados, não poderia dar nada de mim aos outros, lá dentro seremos iguais, você com suas idéias e eu com as minhas. Seremos presos eu, tu, ele. Eu sou um ladrão, mas não um criminoso, não roubei do necessitado, roubei por ele.

ALFONSO - Você quer viver de suas idéias ?

CHARLES - Mas não é acaso de idéias que o homem vive?

ALFONSO - Viver de idéias, para que?

CHARLES - Para realizar-se

ALFONSO - Realizar-se... que papo de merda, sabe o que eu quero. Eu quero viver, não morrer como ratos, nesta porcaria. (com ar de sonhador) Quero viver, desejaria ser rico, mais rico cada dia que passa.

ALBERTO - Quanto a mim estou satisfeito. No intervalo entre a pobreza e a abastança há o bem estar, no intervalo entre a abastança e a riqueza há a neurastenia, que nos levará a ser escravos do dinheiro.

ALFONSO - Está satisfeito? Mas satisfeito de que? De ser um ladrão, um fora da lei?



Corte

Corte



ALBERTO - O mundo está cheio de homens que fazem o ofício de mandar e tem cara de terem nascido para obedecer, está cheio de ladrões, o comerciante invariavelmente um ladrão, se vende os objetos a um preço muito superior ao seu valor, é desonesto, se os comprou a um preço inferior ao seu valor, é desonesto para com aquele de que os comprou; se são falsos enganou aqueles a quem os vendeu ocultando-lhe a falsidade, se são verdadeiras enganou aquele quem os comprou. O mundo está cheio de ladrões e mentirosos.

ALFONSO - É você se compara com eles, então sente-se mais apavorado.

ALBERTO - Você (ou qualquer um) não me entende. Sou ladrão, porque roubei uma vez na vida. Tenho vergonha, mas não nego, não minto a ninguém e nem tampouco explorei alguém.

CHARLES - Eu entendo você. Mas por entender, você mil vezes não poderia desconhecer nosso erro. Estamos perdidos.

ESTEVÃO - Vocês ainda têm alguma chance, não podem perder a esperança, vocês têm que continuar cheios de entusiasmo, para conseguir escapar desta. Apesar de eu não estar do lado de vocês, no roubo, mas os compreendo e sei o que querem. Por isso estou ajudando-os.

CHARLES - Com esperança ou sem ela, cometemos um erro. Quando se erra como arquiteto ou como médico, não se refaz a vida com a arquitetura ou com a medicina. A vida não se recomeça tomando como ponto de partida o último erro, o nosso último erro foi só ter roubado.

ALFONSO - Sim, mas com a experiência adquirida se deveria repetir as coisas acertadas.

ALBERTO - Você não se dá de conta que voltaríamos a passar através dos mesmos erros. E os erros não podem ser repetidos voluntariamente.

ESTEVÃO - Um homem que errou não está perdido, apesar de tudo o que possa ter cometido, num momento da sua vida, sempre há um possibilidade de recupera-lo e de fazer dele uma pessoa boa e útil à comunidade.

CHARLES - É o que eu estou tentando fazer. Ser útil à alguém que necessite.

ALBERTO - Eu também. Apesar de ter sido prejudicado bastante por causa disto.

ALFONSO - (Cuidando a janela, não estava dando a mínima importância para o que seus amigos falavam. Falando consigo mesmo) Eu não quero terminar na cadeia.



ESTEVÃO - (Que ouviu disse) Então porque roubaste?

ALFONSO - Eu queria... eu quero ser rico ter poderes.

ESTEVÃO - Então porque não trabalha para conseguir um pouco disto? Você não sabe fazer nada por acaso?

ALFONSO - Não, se fosse trabalhar eu ganharia de fome. Eu sou instruído, estudei mas não sei fazer nada. Por que não aprendi?

CHARLES - É tarde para arrependimento. Estamos sem saída.

ESTEVÃO - Creio ter achado a solução para vocês...

ALFONSO - (Aumentando a voz) Qual? Diga, vamos.

ESTEVÃO - A solução única, seria vocês se entregarem à polícia, quem sabe vocês arrumariam um bom advogado, eu ajudaria vocês. (pausa)

ALBERTO - Não há ninguém é capaz de nós salvar. Não precisamos de alguém que vai dizer aos juizes que dois mais dois são três.

ESTEVÃO - Não sei se dois mais dois são três ou cinco, do que estou certo é que nunca são quatro, se vocês se entregarem e conseguirem um bom... (é interrompido por Charles)

CHARLES - Não, a lei nos confere o direito de ser defendido, e nos confere também a escolha do defensor mas eles não compreenderam jamais o que nos levou a roubar, nunca justificaram nosso ato nem admitiram reconhecer que lá fora está cheio de ladrões.

ALFONSO - Você fala muito Charles, mas é sincero realmente ou só quer nos levar no payol?

CHARLES - Creio que sou sincero, entretanto não diga que nunca minto.

ALFONSO - Você não está sendo muito claro, não estou te entendendo.

CHARLES - Você nunca vai entender.

ALBERTO - Estevão, você não percebeu que todos mentem e não se dão de conta. Os estúpidos mentem negando os fatos ou alternando-lhes as circunstâncias. Os inteligentes mentem modificando-lhe o significado por meio da interpretação em e do raciocínio.

ALFONSO - (Irritado) Pare com as suas filosofias é melhor procurar um modo prático de sair daqui. Em pouco tempo teremos a polícia em cima.
(Há uma pequena pausa na qual Estevão permanece sentado, entretanto os outros caminham nervosamente quando ouvem o barulho de uma sirene, Alfonso correndo para a janela diz)

ALFONSO - Então vendo, eles estão aí é a polícia, e agora o que vamos fazer?



ALBERTO - É estamos perdidos.

ALFONSO - E você fica nessa calma, faça alguma coisa, vamos.

CHARLES - A única saída... (pensa) merda não há saída, estamos cercados não temos por onde fugir e me entregar eu não vou.

ALFONSO - Pois agora já não quero fazer nada, eu vou me entregar.

ALBERTO - Entregar-se para que? Por acaso com isso você vai conseguir alguma coisa... ou acaso vamos obter o perdão? Não, você não entende que sentiremos humilhado e pisotados pelas leis, pelos decretos que regem este mundo.

ALFONSO - Se não a gente não se entregar vão nos matar, E a vida vale mais que uma humilhação, além disso teríamos tempo de relaxar nossas vidas.

CHARLES - Relaxar nossas vidas onde, como? Quem daria oportunidade a três ladrões, quem iria nos estender a mão. As leis e outros bichos deste mundo hipócrita, não entende disso, jamais nos perdoaria.
(Banzela de sirene)

ESTERCO - (Vai a janela fica olhando, e preocupado vira-se. Há uma pausa todos olham-se) Eles estão aí, chegaram... chegaram na levar vocês, não há outra solução a não ser entregar-se.

ALBERTO - Há uma solução sim, a morte, eu prefiro mil vezes a morte do que me entregar.

CHARLES - (Desesperado) As nossas vidas, não são nossas, jamais foram. Sempre alguém dispor delas como bem entender. Mas a morte... a morte é o único momento em que somos todos iguais, eu, vocês, os ricos, os pobres, os lindos, os feios, todos iguais, todos sem nada, todos transformando-se em pó. A morte é a liberdade total. jamais me entregarei.
(Violentas batidas na porta)

POLICIA - Abriam em nome da lei ou seremos obrigados a atirar. (Nisso Alfonso muito preocupado pega uma arma que estava na bolsa junto com o dinheiro)

ALFONSO - Se... (nervoso e assustado) se vocês abrirem essa porta eu disparo... eu... eu estou armado.

ALBERTO - (Gritando) Obrigado... obrigado Alfonso por mais uns minutos de vida.

CHARLES - Muitos minutos que temos vamos fazer alguma coisa com o dinheiro.



CHARLES - Qualquer coisa menos entregá-lo a eles.

ALBERTO - Não, não vamos entregar o dinheiro a eles. (Nisto apagam-se as luzes e começa-se as luzes estroboscópicas. Nisso Alberto sai correndo e pega a mala do dinheiro, dirige-se a janela, Charles também corre atrás e volta ao centro. Alberto atira o dinheiro pela janela, mas o forte vento traz novamente. Charles começa a pular para pegar o dinheiro, mas, nascendo e atirando para cima, Alfonso que estava parado observando começa a gritar)

ALFONSO - ^{ente} (Vendo) não façam isto com o meu dinheiro (cai de joelhos, pega o dinheiro nascido e chora) o meu dinheiro... o meu dinheirinho, vocês botaram fora. Eu roubei foi pra mim. (Nisso a polícia encimba a porta, Alfonso mais que ligeiro larga a arma e dispara para um canto. Alberto corre de braços abertos em direção a polícia e é atingido em cheio tombando ao chão)

POLÍCIA - (Vê Alfonso no canto) E você?

ALFONSO - Eu ... eu não quero morrer por favor, eu me rendo.

POLÍCIA - (Olhando para Estevão) E este senhor faz parte do plano também?

ESTEVÃO - Sim eu faço pode me levar.

CHARLES - Não, por favor, ele não tem nada a ver com isto.

POLÍCIA - Então fique aqui com o morto até nos mandarem buscar-lo. E vocês os dois venham comigo.

ESTEVÃO - (Olhando para Alberto, grita) Por que? por que fizeram isto? Ninguém me responde, porque o mataram, por que? (Fica de joelhos chorando)